

Goa no itinerário íntimo dos poetas portugueses contemporâneos

Mapping Goa in the private itineraries of Portuguese contemporary poets

CATARINA NUNES DE ALMEIDA*

Resumo: Entre os séculos XX e XXI, o Oriente e os espaços ultramarinos são revisitados pela poesia através dum conjunto de imagens e de conceitos que vão ao encontro do longínquo Império quinhentista. O interesse pelos momentos inaugurais desse encontro revela uma discreta mas consequente permanência do tópico na literatura portuguesa. A redescoberta da Índia constitui um verdadeiro exercício de amplitude estética: alegoriza uma aprendizagem do olhar e inaugura itinerários íntimos, entre o vivido e o sonhado. Propomos uma aproximação aos textos onde a Índia ou Goa surgem como topos centrais, com vista a interpretar o peso simbólico que a “viagem à Índia” assume na poesia portuguesa dos nossos dias.

Palavras-chave: Orientalismo português, poesia contemporânea, literatura pós-colonial, Índia, Goa

Abstract: In the course of the 20th and 21st centuries, Portuguese poetry revisits the East and the overseas territories through a set of images and concepts that draw upon the distant sixteenth century Portuguese empire. The interest in the inaugural moments of this encounter reveals a quiet but coherent permanence of this topic in Portuguese literature. The rediscovery of India is a true exercise of aesthetic magnitude: learning glances are allegorized and intimate itineraries between the lived and the dreamed are unveiled. We propose looking at texts in which India or Goa play a central role, in order to interpret the symbolic weight that the “journey to India” takes on today’s Portuguese poetry.

Keywords: Portuguese orientalism, contemporary poetry, post-colonial literature, India, Goa

* Pós-Doutoranda que desenvolve projeto no âmbito do Orientalismo Português pelo Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa, Portugal.

A Índia ocupará desde cedo um lugar privilegiado no imaginário europeu, fenómeno mais visível na literatura a partir do período romântico. O fascínio é indissociável do facto de ter sido o primeiro espaço da Ásia a acolher a Europa e onde a experiência quotidiana geraria logo uma familiaridade singular. Não é por acaso, como nota António Manuel Hespanha, que o poema nacional português constitui uma reconstrução épica da “descoberta da Índia” e que a “nossa Goa” se mantém por séculos como a Roma do Oriente (HESPANHA, 1999, p. 15). A Índia funcionou sempre como espelho mítico do Império, configurou a simbólica imagem do paraíso perdido na memória cultural do país. Viajar até à Índia – e, em particular, até Goa, que se manteve como um dos fósseis vivos desse Império – foi, e continuou a ser, partir em busca de uma reminiscência do velho mundo, de um Portugal transposto para além-mar e, ao mesmo tempo, retomar um Oriente intacto, salvo dos estigmas da descolonização, onde até hoje se conjugam as palmeiras, as baías tropicais, as aves e os deuses.

Apesar de a Índia figurar no imaginário poético da primeira metade do século XX português, nenhuma referência àquele espaço parece ser consequência de experiências de viagem concretas, factuais: nestes casos, o eterno retorno à Índia assume um carácter simbólico, associando-se sobretudo a um processo regular e contínuo de interpretação de Portugal e de uma ideia de Nação, ou de Império, que atravessa a nossa poesia durante o último século. Num pequeno texto intitulado precisamente “Os girassóis do Império”, presente na obra *Fantasmas e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo* (2003), Eduardo Lourenço deixa-nos múltiplas pistas sobre a configuração desse Império forjado pelo imaginário poético – um *império perdido* que atravessaria todo um século *fascinado por essa perdição*:

Diluído ou ofuscado no seu papel de referente histórico, é como fantasma que ele se apropria ou é apropriado pela poesia portuguesa, como se – à parte a tradicional vivência erótica – nada mais o pudesse alimentar. [...]

O Brasil nunca nos foi espaço imperial [...].

Império, mesmo com toda a ficção que isso comporta, só tivemos um: o do Oriente, o da Índia e só delirámos, não só enquanto lá estivemos a sério mas quando nele estagnámos conservando-o vivo na sua função onírica e nunca mais intenso como quando “passou” à História como um momento – para nós ao menos – inolvidável dela. Há mais de cem anos que não fazemos outra coisa que *estar*, visitar,

comemorar, sonhar não as Índias que houve, mas as que não havia nem podia ter havido, a título de século de prata imperial – e agora imperialista – que seria o nosso império ultramarino dos fins do século XIX até ao 25 de Abril, fim de um ciclo pseudo-imperial [...]. (LOURENÇO, 2003, p. 30)

De facto, alguns poetas contemporâneos que convocamos para este estudo dão conta da continuidade desse processo. Goa, particularmente, representa o ponto de fusão dos dois mundos: o de aquém e o de além-mar. Na passagem por Goa depositam-se todas as esperanças de um encontro com o passado pátrio, daí que o tom de desilusão acabe por se tornar numa das marcas da escrita, ou porque a identificação do sujeito com essa “pátria do Oriente” não se dá, ou porque há muito que as heranças imperiais entraram em decomposição, apenas restando o velho manto – que a literatura parece envergar desde os finais do século XIX – de um Portugal decadente. Assim, calcorrear Goa é ainda, para alguns poetas, atravessar um fantasma antigo: todo o imaginário e todos os pré-conceitos rapidamente se dissipam e a ocupar os lugares da História resta agora um grande vazio. Este é, sem dúvida, um dos tópicos presentes n’ *O caminho íntimo para a Índia*, de José Augusto Seabra, publicado em 1999. Vejamos um excerto do poema “Goa”:

Do cais só resta
o último
perfume
do vento e da canela.

[...]

A cruz grita
de braços descarnados
para a palmeira
hirta.

Que passos
nunca soam
sob estas lajes

ósseas?

[...]

Que nomes
sempre hesitam
nas esquinas
da história?

A língua
acarícia
as sílabas
vazias. (SEABRA, 1999, p. 23-24)

O livro é inaugurado desde logo por uma espécie de prólogo de índole messiânica. Aquele que se prepara para rumar à Índia, independentemente de saber quem ou o que o espera, deve reconhecer-se portador das “cartas íntimas do sonho” e dos “poderes plenos” de todo um povo (SEABRA, 1999, p. 9). A viagem é, assim, indissociável de uma ideia de missão colectiva: se um português chega à Índia *ele é todo um povo* que chega à Índia. Simultaneamente, percorrer aquele lugar é estar imune à solidão: o chão indiano é inseparável da sua dimensão testamentária, de documento vivo da passagem dos homens e dos deuses, de tal forma que, quem o percorre, segue sempre acompanhado pelos outros que ali estiveram, através de um repetido exercício de memória – tópico que percorre todo o poema “Ancoragem”.

O exercício da memória histórica, e também literária, vai legitimando e corroborando as observações, conferindo paradoxalmente actualidade e ancestralidade à viagem. Muitas vezes existe mesmo, entre os poetas contemporâneos, a identificação ou a comparação da *sua* viagem à Índia com as viagens de Quinhentos. No fundo, ensaia-se aqui uma descoberta do espaço a partir das primeiras visões e das primeiras informações que dele houve. Mais do que atender à fonte contemporânea, presta-se muitas vezes homenagem ao primeiro encontro com a Índia, ainda tocada pelo deslumbre e pelo gosto a novo. Num poema intitulado justamente “Índia”, da obra *Boca do inferno*, Jorge Sousa Braga reitera com ironia um lamento: “Há quinhentos anos que deveria ter vindo – um atraso

histórico – / e esse atraso paguei-o em lágrimas / de sangue” (BRAGA, 1987, p. 79).

Em *Rostos da Índia e alguns sonhos*, obra de Urbano Tavares Rodrigues, publicada em 2005, temos presente a mesma ideia de digressão histórica. Os espaços conservam um passado remoto, quais museus espontâneos com o seu vasto relicário de vidas antigas. Viajar é, pois, ir ao encontro de uma arqueologia viva. Nesta obra, o Oriente acaba por exceder as expectativas da própria linguagem, constituindo o espaço preferencial para o exercício do poético. Podemos, de facto, definir a obra como um conjunto de poemas em prosa, que desenham uma espécie de roteiro íntimo de uma longa e lenta digressão pela Índia: é um cancionário de visões, onde o autor nos oferece a sua mais funda *connaissance de l’Est* (a orquestração lírica desta obra permite, sem dúvida, estabelecer um paralelo com o próprio Claudel) e onde, a todo o momento, beleza e miséria se tocam. O modo como o autor se apropria das diferenças, fruindo-as com prazer, permite também enquadrar a obra na linha de um certo exotismo, bem evidente, por exemplo, na forma como a visão da natureza propicia a imaginação erótica:

Em meio do Mandovi, liso, espelhado, sem dor nem exaltação, repousa a ilha de Dinaar. Raros arbustos, só ervas e uma brisa quase calada, pelo caminho. Os teus seios são dois pequenos frutos tropicais pedindo beijos quando te curvas para as flores que há entre as pedras e o pó vermelho. Neles se concentra o ardor da luz. (RODRIGUES, 2005, p. 22)

Em Miguel-Manso – autor cuja obra tem sido publicada já no presente século – os textos que nos remetem para a Índia concretizam uma postura inversa: o poema “Massala”, da obra *Ensinar o caminho ao diabo* (2012), assume a forma de um poema-manifesto anti-exotista, que entra em choque com as representações estereotipadas da Índia:

e esta glosa dá notícia da crescente agitação dos que cuidam
que a Índia é um lugar visitável, do qual se poderá sair ileso
quem procure as flores ser-lhe-á dado o lixo, o cheiro a merda

Ou mais adiante:

entusiasmar-se com o despertar do apetite vegan
provocado pelo aroma de uma iguaria chegada talvez da cozinha
descer (sem imaginar o quanto) para perguntar o que é
e dizerem-lhe que não puseram ainda nada ao lume
que o odor vem, com certeza, da cremação de um corpo
ali perto (MIGUEL-MANSO, 2012, p. 17-18)

Muitas vezes, a experiência da Índia proposta por Miguel-Manso acaba por revelar uma outra busca, uma outra demanda, que nunca se desprende da ideia de uma procura da própria identidade – seja essa procura pessoal, uma forma de meditação ou de mergulho espiritual: “não visites a Índia, irmão, descubra-a dentro de ti” (MIGUEL-MANSO, 2012, p. 17); seja ela colectiva, uma forma de exorcizar, pela ironia, a decadência secular da nação, retomando para isso o mote de Álvaro de Campos que, analogamente, aludia ao “desemprego que resultou do descobrimento/ da Índia” (MIGUEL-MANSO, 2012, p. 17).

De facto, um processo interessante através do qual a Índia volta a figurar na poesia portuguesa contemporânea decorre de uma cristalização, e conseqüente reinvenção, do poema “Opiário” de Álvaro de Campos. Essa intertextualidade parece coincidir na ideia de um exílio pátrio, involuntário, neodecadentista, que leva os poetas a buscar repetidamente “um Oriente ao oriente do Oriente”, num contexto que é agora pós-colonial. Esta ideia de exílio está muito presente na obra de António Barahona, *Viajante oxalá* (1986), de onde retiramos o seguinte poema:

Marinheiro martirizado
pés e mãos atados e atirado à água
consegui escapar:
acordei na praia só Deus sabe em que onda
desempregado depois de descobrir a Índia (BARAHONA, 1986, p. 148; itálico do autor)

Também no poema “Restaurante Casa da Índia”, Miguel-Manso volta a recuperar com ironia os “fumos da Índia”, símbolo da decadência de uma nação, por

tantos séculos *intoxicada*, iludida, pela imagem irrepreensível do seu Império a Oriente: “uma pessoa tem por vezes de regressar / da Índia taciturno // iluminado só pelo último cigarro” (MIGUEL-MANSO, 2012, p. 54). Miguel-Manso retoma aqui não só a ideia de um império extinto – que apenas pode ser revisitado através de um elaborado exercício de memória – mas não só: é também a imagem estereotipada da Índia espiritual, paradigma da iluminação interior e da mais pura pureza.

Esse estereótipo também parece desfazer-se nas *Tisanas* de Ana Hatherly, onde encontraremos várias alusões a uma digressão pela Índia (nomeadamente, entre os fragmentos 323 e 335). Leiam-se, pois, as seguintes passagens: “Passeamos à beira do Mandovi. Está um calor húmido. Paira no ar um pungente cheiro a urina e mesmo a água do rio cheira a esgoto quente. Mas nenhum de nós fala disso.[...]”; “Passeamos à noite à beira do Mandovi por entre detritos e odores de podridão. A água é negra e de tão quieta torna-se indistinta.[...]”; ou ainda “À beira do rio Mandovi. É de noite. Estamos sufocados pelo choque cultural que é o confronto físico com a Índia.[...]” (HATHERLY, 2006, p. 124). Estas descrições levam-nos a reconhecer que a imagem da Índia, no imaginário ocidental, corresponde já a um outro padrão, que propicia um tom bem menos celebrativo – assim, o paraíso místico cercado por palmares e praias de areia branca é muitas vezes suplantado pela imagem de um lugar tormentoso, insalubre e fétido (aliás, mesmo em Urbano Tavares Rodrigues essa imagem invertida marca presença).

No entanto, consideradas estas exceções onde o sonho cede lugar à tormenta, o mito da Índia espiritual continua a ser o mais recorrente nestes itinerários íntimos. As viagens ao Oriente são muitas vezes impulsionadas pelo mito de que essa incursão trará uma espécie de iluminação ou de transformação mística. A construção desse mito insere-se sobretudo no contexto da formação de uma cultura pós-colonial, pela busca de um sentido entre o “nós” e os “outros”, mas também pela busca de um sentido pessoal para a religião, enquanto se procura entender as formas de religiosidade alheia. O mito da Índia espiritual, muito activo no Ocidente a partir da segunda metade do século XX, por via de uma série de movimentos sociais e culturais (que vão desde um interesse crescente pela espiritualidade budista à prática de terapias orientais, do yoga ou da meditação, à adopção de novos hábitos alimentares, como o vegetariano, ou ao aparecimento de subculturas, como as comunidades *hippies*), reiterou a leitura da viagem como epifania, como forma de explorar uma outra geografia: a geografia

da alma. A expectativa gerada por esse mito, por essa pré-ideia que funda a viagem, está de facto muito presente na obra de Urbano Tavares Rodrigues, *Rostos da Índia e alguns sonhos*, a que temos feito referência: “Trazes gotas do Índico ainda nos ombros. Grãos de luz quase dourada. Parece que vamos enfim viver a vida anterior que o mito promete” (RODRIGUES, 2005, p. 27).

A viagem à Índia é assim entendida não apenas como travessia de um espaço físico, real, mas como um reconhecimento do próprio eu, como revelação (uma experiência transfiguradora, herdeira da epifania romântica que já figurava em Byron, Wordsworth ou Shelley). É por isso, também, uma viagem no tempo, um encontro com essa “vida anterior” a que alude Urbano Tavares Rodrigues. Nestes casos, o turismo assume a forma de uma aventura transcendental, uma experiência que envolve todos os sentidos. Voltemos ao poema “Índia”, de Jorge Sousa Braga:

Não foi a pimenta nem o cravo nem a canela nem o algodão nem a juta – nem o urânio que me trouxeram aqui
 Trago os porões da alma vazios
 À música das calculadoras prefiro a de uma sitar
 as linhas delicadas de um sari branco
 Portador apenas de uma mensagem do Douro para o Ganges
 de um colar de açafreão para colocar no pescoço de Shiva
 e de uma missão deveras importante
 – descobrir
 a flor de lótus perdida algures no meu sangue (BRAGA, 1987, p. 79)

Entre intimidade e distância, fascínio e pavor, inicia-se uma jornada interior, uma *peregrinatio animae* que acompanha a viagem pelo espaço real.

Em *Livros da Índia* (1984), de António Barahona, a vivência espiritual que a jornada proporciona confere simultaneamente actualidade e verdade ao mito. O mandamento desta digressão pela Índia, em Barahona, vem do alto – é um chamamento superior que incumbe a missão da viagem. Mas aqui a busca tem menos a ver com o encontro com um passado pátrio ou com a glória de um Império. É uma busca espiritual por via do Islão (uma busca que, aliás, o poeta denuncia logo nas suas primeiras obras, nomeadamente em *Aos pés do mestre* [1974]).

A obra *Livros da Índia* revela bem a natureza dessa busca: em todo o seu percurso poético-espiritual, o sujeito auto-investe-se “de uma missão sacerdotal, tentando inteligir a escrita do mundo, simultaneamente, enquanto escrita de Deus e escrita do poeta. O Oriente surge assim na sua obra como uma das faces de Deus, ou seja, dessa escrita. Há que procurar Deus até na China, como lembra o *Corão*, assumindo a personagem espiritual do peregrino ou do buscador em demanda” (cf. BRAGA, 2013, p. 139). Neste aspecto, os versos de Barahona não deixam dúvidas: “Dez anos depois do voto / cheguei ao Oriente / em demanda do Rei do Mundo” (BARAHONA, 1984, p. 18). Esta demanda parece prolongar-se, anos depois, na já citada obra *Viajante oxalá* (1986), onde as imagens que nos revelam a Índia não são mais do que o cenário superficial de uma viagem maior e mais funda, que se faz através do espírito.

Assim, poucas impressões nos ficam das paisagens goesas, dos seus recantos históricos, das suas gentes. A contemplação, em Barahona, é um pretexto para transcender a realidade e o próprio *eu*, daí que o olhar do poeta poucas vezes se projecte para fora, para o mundo em redor – toda a contemplação é uma contemplação interior. Com efeito, os vestígios da passagem pela Índia fixados nestas obras chegam-nos sobretudo através da datação dos poemas, com inclusão do lugar onde foram escritos (Pangim, Curti, Baga) ou, mais vagamente, através das dedicatórias ou da alusão directa à realidade indiana na composição das imagens.

Também n’ *O caminho íntimo para a Índia* (1999), de José Augusto Seabra, a ideia de “viagem” e de “peregrinação” parecem confundir-se: o sujeito parte para um lugar envolto pelo sagrado. A viagem torna-se, pois, inseparável de uma dimensão mais espiritual, corroborada por uma série de meditações sobre o próprio acto de meditar (cf. SEABRA, 1999, p. 41, 43, 55, 57).

No entanto, apesar de o olhar ter encontrado inspiração nessas novas paisagens humanas, apesar de existir entre os poetas uma certa avidez de entendimento e de decifração do desconhecido, há um fundo de estranheza que nunca se extingue – um dos tópicos mais recorrentes a este nível é o da natural convivência, na Índia, entre homens e vacas, a que poucos poetas ficam indiferentes. Atravessar os lugares e os rostos é ir de surpresa em surpresa. Essa contínua estranheza, por sua vez, será também o motor do ímpeto social presente não só nas *Tisanas* de Ana Hatherly com referências explícitas à Índia, mas também em Urbano Tavares Rodrigues, José Augusto Seabra ou Miguel-Manso, onde é pos-

sível entrever o interesse pelo cotidiano dos vários tipos humanos, em especial os mais humildes.

Por último, não podemos deixar de fazer referência ao modo subliminar como as impressões da Índia se conjugam com as memórias literárias, conferindo aos textos uma dimensão trans-temporal e trans-ficcional. Vejamos o excerto de uma das *Tisanas* de Ana Hatherly:

[...] De repente, num cais abandonado, deparamos com uma mulher envolta em seu sari, escura, estática. Fita-nos sorrindo e tão intensamente, tão insistentemente que ficamos perturbados. Então alguém diz: deve ser a escrava de Camões. (HATHERLY, 2006, p. 124)

As remissões metafóricas confirmam uma ocidentalização do Oriente, há muito distinguida por Edward W. Said no seu estudo sobre o *Orientalism* (1978).

Mas a este nível, o da intertextualidade ou da revisitação da mitologia cultural e literária do Ocidente através de toda uma série de textos-objects do nosso imaginário de leitores, nenhuma obra se revela tão paradigmática como *Uma viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares. Pela sua particularidade, necessita de ser destacada de todas as leituras que aqui propusemos. Em primeiro lugar, porque se trata de uma viagem declaradamente ficcional; em segundo lugar, porque mais do que propor uma evocação da Índia, propõe uma desconstrução do cânone da viagem ou, mais concretamente, uma reinvenção da epopeia clássica, tomando por modelo os *Lusíadas*. Constitui, pois, nas palavras de Eduardo Lourenço, autor do “Prefácio”, uma repetição da “viagem arquétipo à terra onde realidade e sonho se confundem, subvertendo o sentido da viagem canónica do Ocidente em aventura da ilusão de todas as buscas divinas e epopeia luminosa da decepção (LOURENÇO, 2010, p. 14). A viagem à Índia de Gonçalo M. Tavares assume, por isso mesmo, um sentido marcadamente simbólico e metafórico, o que a distingue dos textos a que fizemos referência até aqui.

Sendo assim, resta perguntar: o que significa, em pleno século XXI, viajar até à Índia? Já vimos que, de um modo geral, os poetas contemporâneos procuram – e por vezes encontram – pelo menos três dimensões da Índia que ecoam desde o Romantismo: o passado histórico, a transformação espiritual e a experiência do exótico. Todas essas dimensões se conjugam de forma extraordinária numa única alegoria, que é a da viagem como procura de nós mesmos (cf. LOURENÇO,

2012, p. 8). Essa *procura de nós mesmos* adquire não só uma vertente pessoal, de busca íntima, mas tem também uma vertente colectiva, universal, que compreende *nós* enquanto Homens ou *nós* enquanto Nação.

A chegada à Índia impôs (e impõe) um novo entendimento do espaço, mas também um novo entendimento do tempo, no sentido em que assinala o nascimento do Novo Mundo e a rectificação do Velho Mundo – representa mais do que um marco para a História, ela funda uma medida na descoberta do homem pelo homem e, mais do que nunca, volta a unir o percurso do humano à instância do divino. Num poema de *Leaves of grass* (1855) de Walt Whitman, intitulado “Passage to Índia”, a Índia aparece simbolicamente como o berço grandioso da humanidade, o éden terrestre, o mito reluzente das origens civilizacionais – porém, esse espaço mítico, ideal, só se pode alcançar através de uma viagem do espírito. É esse o apelo do sujeito de “Passage to Índia”: que a alma inverta a marcha e que avance no sentido do passado. O destino é então uma espécie de Quinto Império: ao poeta é atribuída essa incumbência, quase messiânica, de chegar pela “Alma” à Índia. É aqui que as estéticas nacionalistas de Whitman e de Pessoa se encontram.

Assim, tal como Eduardo Lourenço afirma no Prefácio à obra de Gonçalo M. Tavares que “todas as viagens são viagens à Índia”, também nós, em conformidade com os textos de Whitman (e também de Pessoa), podíamos afirmar que uma viagem à Índia é sempre uma viagem *to more than India*. Diríamos até que algumas viagens propostas pelos contemporâneos não chegam a evocar a Índia em si (ou as Índias que há na Índia), mas sobretudo a viagem. Eduardo Lourenço sustenta, uma vez mais, esta ideia, desta feita a partir de uma leitura da “Ode marítima” de Álvaro de Campos: “A nossa condição é a de embarcados e por isso, naturalmente, a Viagem engloba as viagens que foram busca de outra realidade e sobretudo de outra humanidade” (LOURENÇO, 2004, p. 170).

Na escrita, a viagem à Índia é sobretudo um discurso da memória cultural portuguesa e a poesia contemporânea confirma essa continuidade simbólica, tomando parte num enredo fantasmático onde a todo o momento os sujeitos revelam os seus predecessores, recuperam personagens, equivalendo-se ao navegador, ao missionário, ao peregrino, ao poeta errante de outros tempos. A nostalgia sempre presente do nosso berço imperial continua, pois, a exigir “a repetição simbólica da viagem das viagens”, o regresso “ao que não sabíamos que éramos e nos esperava sem nos esperar” (cf. LOURENÇO, 2012, p. 8-10). E

é assim que a possibilidade de viajar até à Índia continua a suplantar a própria ideia de algum dia ali chegarmos.

Referências

- BARAHONA, António. *Livros da Índia*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.
- BARAHONA, António. *Viajante oxalá*. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.
- BRAGA, Duarte Drumond. António Barahona. In ALMEIDA, C. N.; BRAGA, D. D. (org.). *Nau-sombra: os orientes da poesia portuguesa do século XX*. Lisboa: Nova Vega, 2013, p. 139.
- BRAGA, Jorge Sousa. *Boca do inferno*. Porto: Gota de Água, 1987.
- HATHERLY, Ana. *463 tisanas*. Lisboa: Quimera, 2006.
- HESPANHA, António Manuel. O orientalismo em Portugal (séculos XVI-XX). In *O orientalismo em Portugal*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999, p. 15-34.
- LOURENÇO, Eduardo. Os girassóis do império. In RIBEIRO, M. C., FERREIRA, A. P. (org.). *Fantasma e fantasias imperiais no imaginário português contemporâneo*. Porto: Campo das Letras, 2003, p. 29-41.
- LOURENÇO, Eduardo. *O Lugar do anjo*. Lisboa: Gradiva, 2004.
- LOURENÇO, Eduardo. Uma viagem no coração do caos. In TAVARES, G. M. *Uma viagem à Índia*. Lisboa: Caminho, 2010, p. 9-20.
- LOURENÇO, Eduardo. A dupla viagem. In FARIA, A. *O murmúrio do mundo*. Lisboa: Tinta-da-China, 2012, p. 7-16.
- MIGUEL-MANSO. *Ensinar o caminho ao diabo*. s.l.: Edição do Autor, 2012.
- RODRIGUES, Urbano Tavares. *Rostos da Índia e alguns sonhos*. Porto: Edições Asa, 2005.
- SEABRA, José Augusto. *O caminho íntimo para a Índia*. Macau: Lello Editores/ Fundação Macau, 1999.
- SAID, Edward. *Orientalism*. London: Routledge & Kegan Paul, 1978.

Submetido em 27-04-16

Aprovado para publicação em 21-07-16